

MURILO MENDES E GIUSEPPE UNGARETTI: PRESENÇAS DA LITERATURA BRASILEIRA NA ITÁLIA

MURILO MENDES E GIUSEPPE UNGARETTI: PRESENCIAS DE LA LITERATURA BRASILEÑA EN ITÁLIA

Maria Elisa Escobar Thompson^{*1}

RESUMO: Reflexão sobre a complexidade identitária de dois intelectuais desterritorializados, Murilo Mendes e Giuseppe Ungaretti, cujo processo de deslocamento promoveu o estreitamento das relações entre Brasil e Itália no século XX. A inserção de Murilo Mendes no universo literário italiano, sobretudo pela escritura do livro *Ipotesi*, realizada diretamente em língua italiana, ou seja, numa língua adquirida. A contribuição de Giuseppe Ungaretti, o poeta de duas pátrias – Egito, pelo nascimento e Itália pela ancestralidade, como divulgador da literatura italiana no Brasil e posteriormente da literatura brasileira na Itália. As possíveis relações entre o desterritorializado com o país estrangeiro e os processos de aculturação, transculturação e desculturação nos contornos de aquisição de um território escolhido.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil. Itália. Poesia. Viagem.

Giuseppe Ungaretti e Murilo Mendes, dois importantes poetas do século XX, têm em comum o fato de contribuir com o estreitamento das relações entre Brasil e Itália, através de seus deslocamentos, de suas trajetórias pessoais. Nosso trabalho tem por objetivo investigar de forma mais ampla a aproximação entre os dois poetas e as formas de diálogo que ambos estabeleceram entre si e com seus locais de reterritorialização (a Itália, no caso de Murilo Mendes e o Brasil, no caso de Giuseppe Ungaretti).

Murilo Mendes e Giuseppe Ungaretti expandem seu universo poético aceitando o desafio de introduzirem-se em uma cultura diversa, escreverem em língua estrangeira e atuarem ativamente no meio literário de um território escolhido. A postura dos dois poetas ultrapassa a do imigrante, do turista e do exilado comum. Eles são desdobramentos dessas três categorias, por isso, os incluímos no grupo dos *viajeiros*, palavra escolhida por nós para ampliar o significado de viajante.

Murilo e Ungaretti não são viajantes comuns; são passageiros das paisagens e retentores da memória que se transformará em matéria poética. O processo de escritura de ambos é perpassado pelo deslocamento, pela memória e pela coleção. Asilados circunstanciais, Murilo optou por viver em Roma enquanto Ungaretti foi o poeta de três continentes (África, Europa e América). O diálogo entre os dois escritores-viajantes é possível porque suas trajetórias esbarram-se, fazendo-os iguais em sua diversidade: ambos

^{1*} Doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP).

transformam experiência em arte. O descontentamento originou o deslocamento que, por sua vez, veio a constituir a poesia de viagem. Tal poesia expressa a posição do intelectual que questiona os destroços de guerra, os regimes políticos, as fronteiras territoriais e humanas, enfim, todos os sentimentos que assolam o homem ao longo de suas reflexões.

Nos últimos anos, a crítica literária vem dando espaço ao poeta Murilo Mendes, cuja extensa obra em versos e em prosa poética faz dele um dos representantes mais expressivos do que foi o modernismo brasileiro. Viajante por natureza, Murilo sentia que a provinciana Juiz de Fora, onde nasceu em 1901, era acanhada demais para quem tinha o sonho de “*andare dal Brasile in Cina a cavallo*” (MENDES, 1995, p. 1510). Aos dezenove anos, começou a primeira das viagens que durariam até o final de sua vida: em 1920, transferiu-se para o Rio de Janeiro.

O poeta rebelde buscou na então capital federal e em São Paulo, pátria do modernismo, raízes que sempre se mostraram frágeis. De 1952 a 1956, esteve viajando pela Europa, onde fez conferências e estreitou relações com Breton e Camus, entre outros. Murilo realizou, aos 51 anos, o que Antonio Callado chama de primeira viagem imprescindível para os intelectuais da América Latina: a típica viagem de educação e de formação do caráter feita pela Europa (MAYA, 1999, p. 58). Pouco depois, foi enviado à Itália, viagem que se tornou definitiva fazendo com que o poeta lá transcorresse seus últimos dezoito anos de vida. Murilo Mendes passa então a integrar o grupo de *intelectuais viajantes* que pretendemos comentar neste trabalho. Professor de Literatura Brasileira em Roma, o poeta tem várias de suas obras traduzidas por Giuseppe Ungaretti, que viveu uma experiência geograficamente inversa à sua.

O processo de bilingüismo em Murilo Mendes inicia-se ainda no Brasil através da formação intelectual em língua francesa. A língua italiana veio posteriormente, durante período em que viveu em Roma, e é importante reafirmar, tardiamente, quando Murilo contava mais de 50 anos. Além de *Papiers*, reunião de seus textos em francês, Murilo escreveu, durante o ano de 1968, *Ipotesi*, livro de poemas escrito diretamente em língua italiana. Nessa época, o poeta brasileiro era um quase cidadão romano, cujo registro lingüístico sofria alterações causadas pela imersão na língua italiana. Aliado a esse processo lingüístico, existia todo um temor de alcançar o devido domínio da língua estrangeira, necessário à escritura poética.

Ipotesi é, então, o fruto das investidas do poeta que se arvora em escrever numa língua estrangeira bem como o resultado dos longos anos vividos por ele na Itália:

Compunha tendo ao lado o dicionário, os dicionários, que consultava com deferente cautela, alternando uma absoluta confiança a fases de dúvida, marcadas por

controles volantes, telefonemas de verificação aos amigos. Murilo abana a cabeça, estuda, sorri, Murilo inventa: em italiano, em português, de novo senhor do sistema, capaz de construir do externo um livro como este, atravessado por imprevistas belezas, iluminações poéticas deslumbrantes (MENDES, 1995, p. 1709).

Publicado postumamente em 1977, *Ipotesi* é a maior evidência do processo que Todorov (1999, p. 26) define como “transculturização”, ou seja, a aquisição de um novo código sem que o antigo tenha se perdido. Murilo, que já mergulhara no meio literário e cultural italiano como professor de Literatura Brasileira em Roma e fazendo de sua casa, na via del Consolato 6, um ponto de encontro para escritores e artistas da época, coroa seu processo de transculturização com a escritura poética em língua estrangeira.

Murilo haure na Europa o clima propício para o enriquecimento de sua poética. A situação do poeta no Brasil, descrita por Laís Corrêa de Araújo, talvez tenha sido a mola propulsora de seu deslocamento:

Desligado do convívio com seus semelhantes e dispensado da responsabilidade de participar da ‘vida literária’ (o esquema de promoção e ascensão social da mídia emergente), o poeta confirma-se desarticulado com o sistema e opta por uma total independência criativa, ou seja, o modernista brasileiro de medida estrita passa a ser modernista internacional de largo espectro, em que pese um conceito de modernidade estrutural, questão do ser apropriador da temporalidade concreta do momento (RIBEIRO, 1997, p. 12).

E a produção do modernista internacional foi fecunda, nos dando *Convergência* e seus “Murilogramas” (1963-1966), um olhar sobre a distante Minas Gerais na escrita de suas memórias intituladas *A idade do serrote* (1965-1966), *Poliedro* (1965-1966), *Carta geográfica* (1965-1967), *Espaço espanhol* (1966-1969), *Retratos-relâmpago* (1965-1966) e *A invenção do finito* (1960-1970). A poesia muriliana da maturidade foi escrita em território estrangeiro e a Itália esteve presente não só como o palco de sua escritura, mas também em forma de lugares, personagens e acontecimentos que, além de se incorporarem à coleção particular do poeta, também migraram para seus versos.

A formação tardia de Murilo opõe-se à trajetória de Ungaretti, que, ainda bastante jovem, iniciou os estudos em Paris. Ungaretti nasceu em uma família que já trazia a tradição do deslocamento, da peregrinação. Seus pais, italianos das proximidades de Lucca, transferiram-se para o Egito. Após a morte do pai num acidente nas escavações do canal de Suez, a família sobreviveu graças à mãe que fez prosperar o forno de pão da família e garantiu o sustento dos Ungaretti.

Passada essa primeira fase, quando em casa gozava-se de certo bem-estar, o filho Giuseppe empreendeu sua primeira viagem. O jovem buscou Paris no retorno à origem européia. Lá freqüentou os maiores cafés literários e se inscreveu na faculdade de Letras da

Sorbonne. Passada a fase de aprimoramento em Paris, o poeta continuou suas outras andanças pelo mundo. Procurava as respostas para as questões existenciais e humanas, ao mesmo tempo em que registrava em suas poesias tudo o que encontrava e as situações pelas quais passava, visando, talvez, o encontro consigo mesmo.

Giuseppe Ungaretti é a figura do intelectual que, desde o início de sua vida, realiza viagens que o fazem transitar entre culturas e povos. Convidado a lecionar no Brasil, ocupou a cátedra de Língua e Literatura Italiana da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo entre os anos de 1936 e 1942. Além de sua extensa obra em língua italiana, Ungaretti realizou incursões poéticas em língua francesa com o livro *Derniers Jours*, de 1919 e foi importante tradutor. Traduziu Shakespeare, William Blake, Saint-John Perse, entre outros. Além disso, os anos passados em São Paulo foram de grande importância para a posterior divulgação da literatura brasileira na Itália através das traduções de escritores brasileiros, entre eles, o próprio Murilo Mendes, Vinícius de Moraes e Oswald de Andrade.

Os anos de Ungaretti em São Paulo foram “anos privilegiados de vivo contato entre as culturas italiana e brasileira”, (UNGARETTI, 1996, p. 6) não só por seus cursos sobre Dante, Petrarca, Manzoni, Leopardi, etc., mas também pela participação na vida artística e cultural da cidade; lá deixou admiradores, amigos e discípulos. O período brasileiro, considerado por alguns um intervalo da poética ungarettiana, foi na verdade uma fase paralela de sua atividade literária. São desse período os versos de *Un grido e paesaggi* e as numerosas traduções da língua portuguesa, às quais Paola Montefoschi atribuiu “valor fono-simbólico” (UNGARETTI, 1996, p.14).

Concomitante a essa produção, foi no Brasil, terra estranha e exuberante, que Ungaretti redescobriu o Barroco, ampliando a compreensão de sua complexidade: “Desejo, em suma, confessar que devo ao Brasil se cheguei a entender o Barroco que inflige tanto tormento, há tantos anos, à minha inspiração e à minha técnica expressiva. Compreendi, claramente, no Brasil o valor de choque que havia no Barroco e por que razão o encontro entre inocência e memória e entre natureza e razão devesse sempre manifestar-se violento” (UNGARETTI, 1996, p. 266).

Foi com pesar que o poeta partiu em 1942 sem ter tido a oportunidade de conhecer as obras de Aleijadinho. Somente em 1966, em viagem ao Brasil, pôde realizar seu desejo, visitando as esculturas que coroariam em forma de imagem o Barroco brasileiro: “Que digo eu? Às igrejas de Minas não oferecia a sua obra o Aleijadinho, o escultor-arquiteto, o Michelangelo mulato, mutilado em suas mãos pela lepra, e que esculpia fazendo ligar-se aos cotos de braços o escalpelo e o macete? Poderá existir uma arte mais perturbada pelo vento do

Barroco, mais subvertida pela desesperada esperança, do que aquela que se agita nos seus Profetas?” (UNGARETTI, 1996, p. 265).

Sua ligação com o Brasil não findou com o retorno à Itália. Lá se tornou um grande divulgador de escritores brasileiros através de suas traduções. Em entrevista a Lucia Wataghin (1995), Antônio Cândido deixa claro o papel de Ungaretti com relação à literatura brasileira:

LW: Crede che Ungaretti abbia pubblicizzato la poesia brasiliana in Italia attraverso le sue traduzioni?

AC: Senza alcun dubbio. Lui non solo ha tradotto Mário de Andrade e Oswald de Andrade, di cui era diventato amico, ma anche leggendo degli Indios e anche qualche poeta del passato, come Gonçalves Dias e Gonzaga.

Murilo Mendes e Giuseppe Ungaretti mantiveram-se unidos pelos laços de amizade, sobretudo pela longa estada de Murilo em Roma a partir dos anos 50. Ao passo que Ungaretti carregou consigo, de retorno, os poetas brasileiros, dando-os a conhecer à Itália com suas traduções, Murilo desconstruiu a trajetória habitual do intelectual, instalando um atípico laboratório poético em território estrangeiro. Em ocasião da entrega do Prêmio Internacional de Poesia Etna-Taormina a Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade escreveu: “A verdade é que Murilo levou na bagagem para a Itália (onde ensina Brasil, vende Brasil, mercadoria intelectual) sua alma brasileira, sua poesia brasileira cheia de novidades. Não deixou esses bens aqui, feito botina velha. E agora os vê exaltados no reconhecimento de uma obra que é fruto saboroso da cultura brasileira confrontada com valores universais” (MENDES, 1995, p. 38).

Na diversidade de suas trajetórias, Murilo e Ungaretti desempenharam, quase que simultaneamente, o ofício de divulgadores e expansionistas da literatura brasileira, sendo suas vozes em território italiano. “Murilo foi talvez o universalizador nato da política cultural do modernismo; ainda está por escrever o valor estratégico da sua *romanità* (patrioticamente exercida num italiano fluente, mas de entonação brasileiríssima) para a penetração das letras brasileiras na Europa” (MENDES, 1995, p. 19).

A abrangência de Murilo está em sua capacidade de projetar-se e projetar uma vertente do modernismo brasileiro na então efervescente Roma dos anos 60 e 70. Murilo funde pessoas e lugares, construindo uma galeria de imagens, que são resultado da postura de colecionador assumida pelo viajante, cuja experiência pessoal tende a expandir-se cada vez mais. O processo de deslocamento registrado com o auxílio da memória passa a funcionar como matéria poética, além de marcar os laços afetivos construídos pelo *viajeiro*.

Ungaretti, que também optou pela experiência da viagem, faz poemas personalizados, uma espécie de diário de viagem, que contém as experiências individuais colecionadas em

forma de perdas, alegrias, guerra, mortes, amor e amizade. O homem de pena era de natureza nômade e, com todas as dificuldades do despatriado, conquistou pátrias, línguas e culturas: “Coube-me por sorte dever pertencer a várias pátrias, e não é sorte que seja facilmente suportável” (UNGARETTI, 1996, p. 264). Sua condição de desenraizado impunha um exílio constante de terras amadas que iam ficando para trás. Assim ele as define: Egito, pátria nativa; França, pátria de formação; Itália, pátria natural e Brasil, pátria humana. Com relação ao Brasil, Ungaretti devolve a experiência vivida aqui em forma de admiração à literatura brasileira, contribuindo para sua ramificação e expansão na Itália através de suas traduções.

Tzvetan Todorov, em seu livro *O homem desenraizado*, fala de um determinado grupo, no qual estariam imersos Ungaretti e Murilo: “numerosas pessoas, em particular os artistas e intelectuais, louvam a pluralidade das culturas, a mistura das vozes, a polifonia desmedida, que não conhece hierarquia nem ordem; elas se reconhecem dentro do cosmopolitismo, se não no nomadismo generalizado, quadro apropriado ao sujeito descentrado que seria cada um de nós” (TODOROV, 1999, p. 24).

Essa postura de inquietude resulta numa produção escrita de grande valor para a crítica literária, que compreende não só poemas, mas também ensaios, artigos e traduções. O deslocamento permite-lhes a imersão em diversos meios literários e culturais e faz deles propagadores de arte. Tanto Giuseppe Ungaretti quanto Murilo participam dos processos de reterritorialização. A postura de ambos mantém-se aberta de forma a permitir a hibridização de sua cultura:

A reterritorialização pode se apresentar não apenas como tradição, ou como o que Deleuze e Guattari chamam de ‘neo-arcaísmos’, mas também como a produção de novos sujeitos de uma ordem sociocultural que, como o capital, é especificamente transnacional (pós-nacional). Em outras palavras, a reterritorialização pode também situar-se — de fato, especialmente se situa — na abertura e no cosmopolitismo [e no hibridismo] (MOREIRA, 2001, p. 316).

O intelectual é potencialmente um desvendador e, estando ele também “em viagem”, mais ampla e mais complexa será sua visão sobre o que há para ser descrito ou revelado. Presente na criação literária, como nos deslocamentos *viajeiros*, estão também a memória e a imaginação, que se diluem e se misturam, ambas estreitamente ligadas ao desejo e à falta. Por trás desse processo de escritura e também em busca de algo que se perdeu, podemos encontrar não somente um autor, mas um colecionador e até um passageiro em viagem. Murilo Mendes e Giuseppe Ungaretti são asilados circunstanciais — nem políticos nem econômicos. Murilo optou por viver em Roma e Ungaretti saiu em busca de algo pessoal e talvez até indefinido para si mesmo.

Baudelaire (1996, p. 24) faz uma distinção entre o *flâneur* e o viajante. O *flâneur*, solitário dotado de uma imaginação ativa, sempre viajando através do *grande deserto de homens*, movimenta-se, observa e contudo sente-se em casa onde quer que se encontre. Um viajante pode pertencer a duas categorias: o turista e o imigrante. O turista é aquele que está claramente de passagem e vê somente o óbvio. Ele passa descompromissado e deseja somente desfrutar a paisagem. Busca emoções efêmeras de estar naquele local que lhe despertara interesse ou curiosidade. Sua volta para casa é certa. Ali estão seu lar, sua família, sua terra, seu espaço demarcado de direito. O imigrante, de certa forma mais estrangeiro que o turista, sente um vazio que acredita possa ser preenchido na presença de outras culturas, cidades ou países. Ele realiza uma busca interior, diferentemente do turista, cuja busca é pelo exterior, pelo que os lugares têm a oferecer aos olhos. *Viajeiro* é quem se realiza ou se encontra somente na viagem, pode ser imigrante ou exilado, de qualquer forma, está em trânsito.

No livro *O homem desenraizado*, Todorov narra sua primeira volta à Bulgária depois de ter passado dezoito anos na França. Essa viagem o leva a uma reflexão sobre o processo de desenraizamento ocorrido com ele a partir do momento em que resolveu estabelecer-se em país estrangeiro. É interessante como o medo de perder seu espaço conquistado em Paris o faz tomar todas as precauções possíveis para garantir seu retorno à França. Vai como membro de uma delegação francesa, previne os amigos de sua partida, casa-se com a mulher com quem vivia para garantir uma esposa legítima na França, enfim, tudo que seria necessário para impedir uma possível proibição de sua volta a Paris. Suas preocupações eram infundadas e ele pôde retornar para casa sem problemas, mas a menor perspectiva de não fazê-lo o deixou em uma espécie de pânico.

Ao chegar à Bulgária, Todorov sente-se completamente reintegrado, o que o faz se definir com um homem de duas culturas. Ao relatar a viagem inversa (estrangeiro que retorna à pátria), o escritor tece considerações sobre sua situação e os processos pelo quais passou. Assim como Ungaretti e Murilo Mendes, ele é um asilado casual. Tal como o poeta ítalo-egípcio, Todorov buscou a França para completar sua formação cultural, mas resolveu estabelecer-se ali em definitivo. A estada de Murilo na Itália, a princípio, também seria provisória.

É importante frisar a diferença entre o viajante, o imigrante e o turista. O turista é aquele que visita locais que lhe despertam interesse. Sua passagem é breve e se subentende que retorna à casa. O imigrante é aquele que entra num país estranho para nele viver. Tanto o turista quanto o migrante são viajantes, no sentido de que realizam um deslocamento. No entanto, o turista não sofre os mesmos processos que o imigrante: desterritorialização e

reterritorialização. Esses processos são mais penosamente sentidos pelos imigrantes econômicos e/ou políticos, como os que deixam o Leste Europeu, o México, a África, enfim, os que buscam melhores condições de vida em terra estrangeira e são repelidos por sua interferência econômica e social e mesmo por sua “estranheza”.

Murilo Mendes, Giuseppe Ungaretti e Todorov são os imigrantes circunstanciais. Seu deslocamento é ocasionado pelo fascínio exercido pelas metrópoles sobre tantas pessoas, principalmente sobre aqueles que não encontram meios de se realizarem dentro do espaço onde estão. Todorov define-se como um homem dono de duas identidades, só conseguidas após muitos anos no país estrangeiro. A identidade do lugar exerce força sobre a identidade do indivíduo, levando-o a absorvê-la, nem que seja em pequenas doses. Todorov (1999, p. 24) chama “desculturação” à degradação da cultura de origem e “aculturação” à aquisição progressiva de uma nova cultura. A “transculturação” seria a aquisição de um novo código sem que o antigo tenha se perdido. Todorov narra que, quando de seu processo de desculturação, ele falava exclusivamente em francês, envolvia-se somente com mulheres francesas e evitava compatriotas. Ungaretti e Murilo mostraram-se perfeitamente capazes de realizar a aculturação, mostrando inclusive um envolvimento excepcional com a língua de empréstimo, e, em seguida, uma transculturação, claramente definida pelo cosmopolitismo desses poetas. A grande aceitação do livro *Ipotesi* na Itália é uma prova da penetração e Murilo na cultura italiana.

No que diz respeito à escrita em língua estrangeira, temos uma clara diferença entre Murilo e Ungaretti. Ambos são poetas bilíngües, porém, o italiano não é língua estrangeira para Ungaretti que, apesar de egípcio, cresceu em uma família italiana. Seus escritos em francês nascem do precoce contato com a língua francesa e de sua formação completada em Paris. O francês, além de ser então a língua da literatura e da cultura, foi incorporado muito cedo por Ungaretti. O processo de bilingüismo em Murilo Mendes deu-se por outro caminho. A língua francesa veio como formação intelectual ainda no Brasil. O italiano, de fato uma língua estrangeira, foi adquirido durante período em que viveu em Roma.

Giuseppe Ungaretti e Murilo Mendes têm ainda em comum o fato de pertencerem à classe dos intelectuais e, por isso mesmo, ocuparem um lugar de descentramento de posições “confortáveis” na sociedade. Assim Irene Cardoso define o papel do intelectual, baseada na proposta de Beatriz Sarlo (1997, p.11): “A sua posição é a da renúncia a um pensamento tranquilizante porque semeado permanentemente por construções interrogativas que tocam pontos considerados cada vez menos importantes, quer pela academia, quer pela prática política.”

A escritora caracteriza o lugar do intelectual como uma posição de instabilidade provocada pelo questionamento constante e pela reflexão acerca da sociedade, especificando o espaço da literatura como um campo de estratégias próprias:

A ambigüidade radical da literatura se manifesta escondendo e mostrando palavras, sentimentos, objetos: ela os nomeia e, ao mesmo tempo, os desfigura [...] sua própria dificuldade garante a permanência daquilo que se diz [a literatura] leva as coisas ao extremo, pode tocar esse núcleo denso que está fora do alcance das explicações dos outros discursos. Empenha-se em morder esse centro deslocado, reprimido ou ignorado [a literatura] acolhe a ambigüidade ali onde as sociedades querem bani-la (SARLO, 1997, p. 12).

É através da linguagem literária que se promove a desalienação. Por meio da própria experiência, o intelectual é capaz de construir o que Beatriz Sarlo (1997, p.12) chama de “autobiografia coletiva”. Ocupando uma posição sem garantias, ele transita e interage nos meios cultural e político de forma a desconstruir e desconsolidar posições até então fixas. Sua definição compreende não só a de uma pessoa essencialmente ligada à cultura e à arte. É também alguém que, lançando seu pensamento sobre a sociedade, constrói um discurso, seja ele literário ou não, e responde muitas das vezes pelos que ainda são incapazes de preparar seu próprio discurso crítico, como uma espécie de porta-voz. Viajar ou receber o estrangeiro implica em aceitar novas formas de identidade, o que é sempre problemático. Por mais que se relacione com o *outro* estrangeiro, este sempre será o estranho, o que inegavelmente *não pertence* e que constitui uma ameaça ao autóctone.

Julia Kristeva (1994, p. 9) afirma que “o estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades.” Para tentar compreender o alcance da poesia de Murilo Mendes e de Giuseppe Ungaretti, é preciso penetrar nos versos como quem faz uma viagem, lançar o olhar atencioso de quem vê pela primeira e talvez pela última vez. Entender que a maior das viagens poéticas é feita dentro de si mesmo, ainda que o impulso para ela venha do exterior (um momento, uma fotografia, uma pessoa, um lugar, uma lembrança).

O principal objetivo desse trabalho foi destacar o processo de criação poética de escritores desterritorializados, chamando à cena dois escritores-viajantes, aqui denominados *viajeiros* por colecionarem experiências através do deslocamento e deixarem traços de seus percursos sobre os poemas. Giuseppe Ungaretti foi escolhido por trazer consigo o dilema da origem e uma íntima necessidade de deslocamento. Ainda que num estilo diverso, não tão revolucionário quanto Murilo, ele também realiza o profundo movimento da raiz. O diálogo entre os dois é possível porque suas trajetórias pessoais pitorescas esbarram-se, fazendo-os iguais em sua diversidade.

Ambos os poetas transformam experiência em arte. O descontentamento originou o deslocamento, que, por sua vez, veio a constituir a poesia de viagem. Tal poesia expressa a posição do intelectual que questiona os destroços de guerra, os regimes políticos, as fronteiras territoriais e humanas, enfim, todos os sentimentos que assolam o homem ao longo de suas reflexões. Ao mesmo tempo em que buscavam os centros culturais e artísticos do mundo, mais condizentes com sua condição de poetas, Murilo e Ungaretti resgataram ausências pessoais através da mudança do espaço físico. A identidade fragmentada de Ungaretti foi sendo reconstituída ao longo de seus trajetos, e o desejo de expansão de Murilo foi realizado quando o poeta deixou para trás os limites territoriais que o comprimiam para dar vazão à sua carga poética.

Murilo foi um escritor do mundo. Suas *ipotesi* não são sobre Juiz de Fora ou Roma, são sobre o homem que está em cada canto do mundo e que a qualquer momento pode vir a tornar-se matéria poética. Seu entrosamento com o estrangeiro se dá de maneira mais audaciosa: presença física na Itália e nas letras italianas. A coincidência é que ambos optaram pela experiência em forma de viagem. A poesia que daí resultou foi *ipotesi* de respostas às dúvidas e aos anseios humanos, o individual estendeu-se para o coletivo, em forma de versos, algumas vezes, aventuras lingüísticas em palavras estrangeiras.

O deserto egípcio, tão ligado à figura de Ungaretti, tem em sua aridez e em sua amplitude a representação exata para o espaço da viagem, física ou interior. O deserto significa o conjunto dos caminhos possíveis de serem percorridos ao longo da vida. A abrangência de Ungaretti está nessa escolha pela paisagem desértica. O escritor de testemunhos faz poemas personalizados, uma espécie de diário de viagem, que contém as experiências individuais colecionadas em forma de perdas, alegrias, guerra, mortes, amor e amizade. O homem de pena era de natureza nômade e, com todas as dificuldades do despatriado, conquistou pátrias, línguas e culturas. Sua condição de desenraizado impunha um exílio constante de terras amadas que iam ficando para trás.

As diferenças individuais e a necessidade de convivência com o estranho/estrangeiro também são importantes para a reflexão contida neste trabalho. Mais do que uma abertura de fronteiras físicas, o desenraizado anseia pela transposição de fronteiras humanas e afetivas. Esse passo é fundamental para que se complete seu processo de aculturação e de transculturação. O asilo voluntário é o meio para a expansão interior que aflora como poesia, nascida em forma de hipótese sobre o que seria o homem, a vida, a morte.

O *viajeiro* é o admirador absoluto que retém o máximo que lhe é permitido, perpetuando suas impressões em versos. Desdobramento do turista, só se realiza pela viagem,

fazendo da literatura uma extensão de sua trajetória pessoal. Murilo é poeta das metrópoles que tão bem representam o estar *pele* mundo. Ungaretti parece diluído entre lugares e pessoas, como se junto deles formasse algo único. Apesar dessa diferença inicial, ambos percorrem o caminho da memória como resgate individual e coletivo do passado, para eles, matéria poética.

A abrangência de Murilo está em sua capacidade de abarcar o mundo com sua poesia descritiva do espaço interior humano. Mas o olho do poeta é tão agudo, desvenda tanto do homem e do mundo, que é inevitável uma ponta de ironia e de melancolia de verso em verso, elementos necessários para conviver com o incompreensível, denominado criação divina. Murilo funde pessoas e lugares, construindo uma galeria na qual a identidade dos personagens adere a cidades, países, continentes e mundos ainda desconhecidos ao homem. O percurso de sua poesia confunde-se com o de sua trajetória: Juiz de Fora, Rio de Janeiro, Brasil, França, Portugal, Itália e as outras pátrias percorridas somente em imaginação. O processo de deslocamento registrado com o auxílio da memória passa a funcionar como matéria poética, além de marcar os laços afetivos construídos pelo imigrante.

Expandindo em sua poesia as questões humanas e sociais, Ungaretti e Murilo realizaram o papel do intelectual, papel esse ainda mais amplo sendo eles sobretudo *viajeiros*. A língua do *outro* que sempre constitui uma barreira no primeiro momento, foi magistralmente dominada em forma de versos. O que seria ranço estrangeiro transformou-se em aventura poética e deu a eles o direito de escrever em língua alheia. A transculturação pela qual os dois poetas passaram foi além do esperado e se eternizou em forma de arte.

RESUMEN: Reflexión sobre la complejidad identitária de dos intelectuales desterritorializados, Murilo Mendes y Giuseppe Ungaretti, cuyos procesos de desplazamiento han promovido un sensible incremento de las relaciones entre Brasil e Italia en el siglo XX. La inserción de Murilo Mendes en el universo literario italiano, especialmente por la escritura de su libro *Ipotesi*, realizada directamente en lengua italiana, es decir, en una lengua adquirida. La contribución de Giuseppe Ungaretti, el poeta de dos patrias – Egipto, por su nacimiento e Italia por la ancestralidad, como divulgador de la literatura italiana en Brasil y posteriormente de la literatura brasileña en Italia. Las posibles relaciones entre el sujeto desterritorializado con el país extranjero y los procesos de aculturación, transculturación y desculturación en los contornos de adquisición de un territorio elegido.

PALABRAS-CLAVE: Brasil. Italia. Poesía. Viaje.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 70 p.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 205 p.

MAYA, Ivone da Silva. *Anti-viajante que sou: o conceito de viagem na obra de Mário de*

Andrade. *Revista Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 4, 1999.

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994. 1782 p. Org. Luciana Stegagno Picchio.

MOREIRA, Alberto. *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001. 405 p.

RIBEIRO, Gilvan & NEVES, José Alberto Pinho (Org.) *Murilo Mendes: o visionário*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997. 87 p.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. Trad. Rubia Prates e Sérgio Molina. São Paulo: Edusp, 1997. 287 p.

TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Trad. Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999. 252 p.

UNGARETTI, Giuseppe. *Invenção da poesia moderna: lições de literatura no Brasil, 1937-1942*. Trad. Antônio Lázaro de Almeida Prado. São Paulo: Ática, 1996. 227 p. Texto estabelecido por Paola Montefoschi.

UNGARETTI, Giuseppe. *Vita d'uomo: tutte le poesie*. Milano: Mondadori, 1992. 899 p.

WATAGHIN, Lucia. Ungaretti in Brasile: un'intervista con Antônio Cândido. *Rivista Sagarana*, Rio de Janeiro, v. 9, p. 1, giugno, 1995. Disponível em: <<http://www.sagarana.net/rivista/numero9/saggio1.html>>. Acesso em: 28 jan. 2008.